

Zona Letal, Espaço Vital

Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Museu Municipal de Tavira / Palácio da Galeria

De 1 de Outubro de 2011 a 7 de Janeiro de 2012

Curadoria: Sara Antónia Matos



Actividades educativas

Concepção das actividades educativas: Teresa Santos

Orientação: Serviço Educativo do Museu Municipal de Tavira

Ateliers de som, poesia e desenho

Orientação: Serviço Educativo do Museu Municipal de Tavira

Número máximo de participantes: 15

- **Colagem** Pré-escolar
- **Colecção de sapatos** Pré-escolar
- **Encantamento** 3º ciclo
- **Exercício, Luisa Cunha** 1º, 2º, 3º ciclos e público geral
- **Exercício 1, Leonor Antunes** Pré-escolar e 1º ciclo
- **Gravação** 1º, 2º, 3º ciclos e público geral
- **Pedras e paus, Francisco Tropa** Pré-escolar
- **Poesia japonesa haiku e haikai** 1º, 2º, 3º ciclos e público geral
- **Reproduções** Pré-escolar e 1º ciclo

Workshop com a artista Armanda Duarte

a partir de propostas de outros artistas na exposição

13 e 22 de Outubro e 3, 12 e 17 de Novembro de 2011, das 14h30 às 17h

Ensino secundário, universitário e público geral

Orientação: Armanda Duarte

Número máximo de participantes: 15

Férias de Natal no Museu Municipal de Tavira

Visita e Atelier

Actividades para famílias

- **Colecção de sapatos** – idades entre os 4 e os 6 anos
20 de Dezembro (quarta-feira), das 10h às 12h
- **Gravação + exercício, Luisa Cunha** – idades entre os 7 e os 12 anos
28 de Dezembro (quarta-feira), das 10h às 12h

Local: Museu Municipal de Tavira / Palácio da Galeria

Número máximo de participantes: 12 (mínimo: 6)

Orientação: Luísa Ricardo e Patrícia Gonçalves

As inscrições são gratuitas e obrigatórias para todas as actividades.

Zona Letal, Espaço Vital

Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Museu Municipal de Tavira / Palácio da Galeria

De 1 de Outubro de 2011 a 7 de Janeiro de 2012



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest



Ateliers de som, poesia e desenho

Colagem

Concepção: Teresa Santos

Orientação: Serviço Educativo do Museu Municipal de Tavira

Objectivos

Foram realizadas para este atelier vários grupos de fotografias que têm uma sequência ou consequência. Procurar essas ligações e fazer, em grupo, uma grande colagem sobre um painel.

Juntar o exercício *Pedras e paus*, proposto pelo artista Francisco Tropa.

Material fornecido

Provas fotográficas, duas caixas de madeira com pedras e paus originais e cópias em bronze.

Material necessário

Fita-cola de vários tipos – transparente, fina, larga, branca, castanha, etc. Colas e tesouras.

Sugestão e motivação da oficina

Disponibilizar as cópias de cada grupo de fotografias realizadas para este atelier numa mesa no centro da sala. Misturar as fotografias e pedir para se encontrarem os vários grupos de imagens.

Em grupo, realizar uma única colagem num painel, com todas as fotografias pertencentes a este atelier.

Em seguida, realizar o exercício proposto pelo artista Francisco Tropa – o jogo *Pedras e paus*.



FRANCISCO TROPA

Pedras e paus



Ateliers de som, poesia e desenho

Colecção de sapatos

Concepção: Teresa Santos

Orientação: Serviço Educativo do Museu Municipal de Tavira

Objectivos

A partir de um conjunto de sapatos, explorar conceitos ligados à ideia de colecção. Tipos de colecções: de arte, de postais, de fotografias, de selos, de botões, de fósforos, de chapéus, de sabões, de sapatos, etc.; as motivações de uma colecção e as suas formas de organização e classificação.

Também se pretende estimular a observação detalhada e caracterização dos objectos.

Material fornecido

15 pares de sapatos.

Material necessário

Papel de cenário, lápis de cor e de cera, grafite e outros materiais ao gosto das crianças.



... Porque é que as formas nos atraem? Porque somos atraídos, nesse gesto ocasional de fazermos as nossas colecções? Apanha-se uma pedra, um pedaço de madeira, um objecto qualquer e guardamo-lo. Passados alguns meses, quando o reencontramos, já não sabemos para que serve e, em princípio, ou se deita fora ou então, de facto, o objecto cristaliza uma série de memórias pessoais ou de grupo, torna-se significativa...

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA

Excerto retirado do texto *Viagem à génese dos museus*

Sugestão e motivação da oficina

Disponibilizar os sapatos baralhados no centro da sala.

Começar por pedir para, em grupo, procurarem os pares correspondentes; para separar os sapatos que parecem ser femininos dos que parecem ser masculinos; ordená-los por tamanhos e cores.

Ainda em grupo (sugere-se dois a dois): escolher um nome para cada par de sapatos e criar pequenas fichas em papel com anotações sobre cada par, de modo a estimular a observação dos sapatos e a sua descrição em detalhe. Poderá ser encorajada a criação de uma breve história sobre a pessoa que usou os sapatos.

Colocar na parede papéis de cenário com cerca de 50cm de largura por 1,20m de altura. Deve ser colocado um por criança, para que ela desenhe o corpo da pessoa imaginada para cada par de sapatos. Colocar os sapatos por baixo de cada desenho e fotografar.

Ateliers de som, poesia e desenho

Encantamento

Concepção: Teresa Santos

Orientação: Serviço Educativo do Museu Municipal de Tavira

Objectivos

A partir do visionamento do filme *Ten minutes older*, de Herz Frank, 1978 e das fotografias da série *Inox* do artista Jorge Molder, escrever um texto reflectindo sobre conceitos que se relacionam com os processos criativos e expositivos. Estes conceitos devem ser introduzidos pelo orientador, com vista a desenvolver vocabulário que pertence à linguagem artística. Ligar a arte à escrita.

Ver filme *Ten minutes older* em:

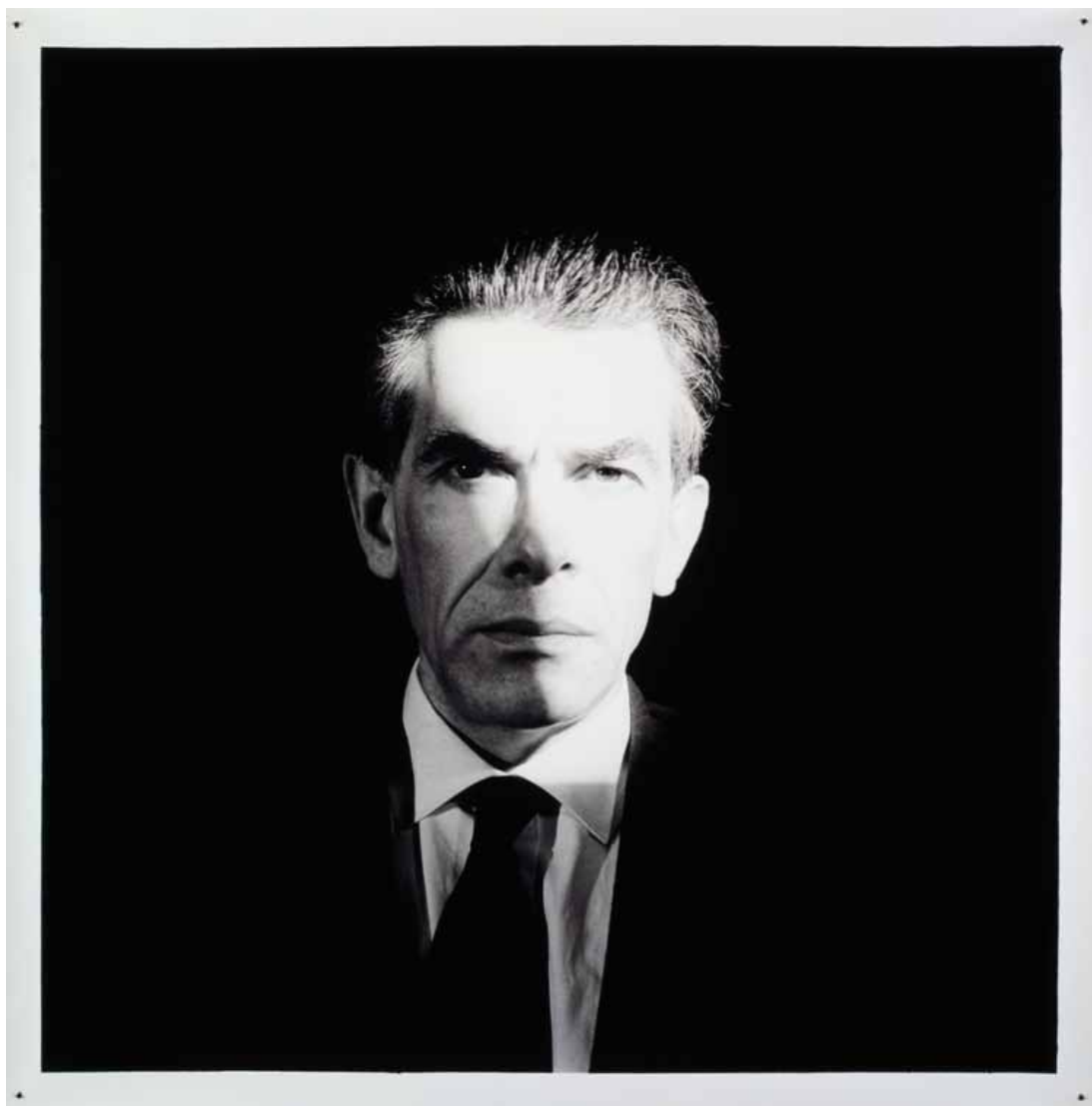
<http://www.youtube.com/watch?v=wGemK0Qxhww>

Material fornecido

DVD com filme *Ten minutes older*, de Herz Frank, 1978; reprodução em papel de uma fotografia de Jorge Molder.

Material necessário

Leitor de DVD e projector; folhas e canetas.



Jorge Molder, da série *Inox*, 1995

Inv. 402763 - Fotografia: Laura Castro Caldas/Paulo Cintra

Sugestão e motivação da oficina

Começar por projectar o filme *Ten minutes older*, de Herz Frank, 1978, que tem a duração aproximada de 10 minutos e dispor as reproduções das fotografias de Jorge Molder pelas mesas.

O filme, a P/B, realizado com câmara fixa (três ou quatro planos diferentes), mostra uma plateia de crianças a assistir a alguma coisa que nunca é mostrada (uma peça de teatro, um filme?). A câmara foca um rapaz e no seu rosto espelham-se as mais variadas emoções, desde medo até um contentamento nunca plenamente acreditado.

Propor a redacção de um texto sobre estes dois trabalhos; o que têm em comum?

São-nos oferecidos dois rostos que mostram uma emoção muito forte, donde virão estas emoções? Existirá encenação?

No caso da criança filmada que observa algo que a perturba intensamente, os seus olhos procuram uma explicação, um apaziguamento, trata-se de algo que vem do exterior para potenciar esta emoção, a criança recebe e reage.

No caso das imagens de Jorge Molder, existe uma perturbação no olhar, mas já não vem do exterior. Será que vem de dentro para fora, sendo algo imaginado? Os seus olhos mostram o que está a pensar? Será verdade ou encenado? Isso tem importância para quem vê?

A imaginação, a invenção e a liberdade expressiva são condições absolutas de uma obra de arte, tenha ela a forma que tiver.

Trabalhar as questões que as obras artísticas não explicam; por exemplo, qual a razão de uma exposição de arte não ser apresentada como uma exposição científica ou histórica? Qual a razão das tabelas informativas sobre as obras não nos darem toda a informação sobre elas? Estas são, muitas vezes, vagas (obra s/título, técnica mista, dimensões variáveis).

Transmitir que as emoções, sensações e sentimentos, compõem a nossa capacidade cognitiva e perceptiva para compreender e apreciar. Todos os sentidos devem estar despertos para aprender a ver.

Sublinhar que a arte questiona e reflecte sobre o mundo, sem chegar a soluções. Esse não é o seu objectivo, mas antes ser o culminar de relações e experiências várias.

Porque será que não se vê no filme o que faz desenrolar a sua acção? O que estará a criança a ver? Será realmente necessário imaginar o que ela vê? Ou por outro lado, a sua expressão é suficiente para entendermos o que se passa e centramo-nos no que a criança está a sentir e reflectir sobre o modo como vêem as crianças?

Será a nossa postura idêntica, face às fotografias de Jorge Molder?

Estas fotografias, aparentemente auto-retratos, são no entanto a construção de um personagem a ser retratado. Também não existe uma narrativa, nem se trata de uma história a ser contada. São antes partes dessa história, congelada em alguns momentos, rigorosamente e detalhadamente encenados, de forma a não desvendarem o mistério que as envolve.

Com estes dois trabalhos, podemos perceber que uma obra pode nascer da observação de uma realidade vivida por alguém, neste caso estas crianças que assistem a algum acontecimento que as faz reagir, ou de uma situação inventada ou encenada, como é o caso das imagens de Jorge Molder. Ainda que, neste último caso, se possa estar a falar de uma situação que foi vivenciada num momento anterior e encenada posteriormente, ou ainda, vivida apenas metaforicamente.

Ateliers de som, poesia e desenho

Exercício 1, Leonor Antunes

Concepção: Teresa Santos

Orientação: Serviço Educativo do Museu Municipal de Tavira

Objectivos

Adaptação do exercício cedido pela artista Leonor Antunes para as actividades a partir da exposição.

Material fornecido

Exercício cedido por Leonor Antunes e objectos recolhidos em diversos locais.

Material necessário

Papel de cenário e projector.



Sugestão e motivação da oficina

Partir do exercício proposto pela artista Leonor Antunes, onde foram recolhidos objectos variados, principalmente material de desperdício, lixo que vem dar à costa, encontrado na praia e objectos do quotidiano.

Montar um ecrã com papel de cenário no meio da sala, usar uma base de suporte para ir equilibrando os objectos, e criar sombras chinesas com um projector.

Deve ser feito em grupos de duas ou três crianças, enquanto na plateia o resto do grupo vai observando as sombras projectadas.

Neste exercício estão em causa as relações do nosso corpo no espaço. A gravidade e o equilíbrio fazem parte do pensamento da escultura. O espaço à tua volta é o espaço de trabalho deste exercício, por essa razão deves cuidar dele como cuidas do teu corpo.

Faz uma recolha de vinte objectos de diferentes usos, pesos, volumes, matérias. Presta atenção aos objectos que escolheste e arruma-os por volumes e pesos. Podem ser lápis, folhas de papel, coisas que sirvam para escrever e outras que geralmente deitas fora, garrafas vazias de plástico ou de vidro, tampas de iogurte, desperdícios, rolhas de garrafa, tubos de cartão, pedaços de madeira encontrados na rua, etc.

Começa por pegar em três dos objectos e coloca-os em equilíbrio. Vai fazendo várias tentativas com todos eles, tentando complexificar cada vez mais a situação encontrada. Podes construir uma torre ou fazer uma ponte, o importante é que esta torre permaneça em equilíbrio ainda que seja por alguns segundos. Constrói o mais alto que conseguires. Faz várias tentativas e muda a ordem dos objectos, até perceberes quais os objectos que estão a mais.

Podes usar uma máquina fotográfica para documentar o processo.

LEONOR ANTUNES

Ateliers de som, poesia e desenho

Gravação

Concepção: Teresa Santos

Orientação: Serviço Educativo do Museu Municipal de Tavira

Objectivos

Trabalhar a capacidade de concentração através de uma gravação de sons, a intuição e dedução para conseguir identificá-los e entre eles criar relações, descobrindo acções ou inventando uma ou várias histórias. Ao descrever as sensações causadas pelos sons, dá-se o enriquecimento do vocabulário do participante.

Desenhar a partir dos sons, tentar criar desenhos abstractos que nasçam a partir das imagens que os sons possam despertar – linhas, manchas com maior ou menor intensidade no gesto, etc.

Possibilidade de juntar o exercício proposto pela artista Luisa Cunha com crianças que já saibam ler e escrever.

Material fornecido

CD gravado especificamente para este *atelier*.

Links para conteúdo do CD:

[Relógio de corda](#)

[Neve](#)

[London Tube](#)

[Floresta](#)

[Copo e régua](#)

[Papel e saco plástico](#)

[Tambor e Maria a ressonar](#)

[Vozes](#)

[Vassoura e assobio](#)

[Ani Kuni](#)

Material necessário

Leitor de CD e quatro colunas de som; material de desenho.



Sugestão e motivação da oficina

Este será um momento para ouvir. Deve criar-se um ambiente confortável, convidando os participantes a sentarem-se em círculo no chão sobre um tapete, de maneira que possam desenhar ao mesmo tempo.

O equipamento de som deverá ser de boa qualidade, com o risco de o atelier perder o interesse caso o som não seja envolvente e cativante.

O CD está gravado com sons que não são facilmente identificáveis, como por exemplo o som de um serrote a cortar madeira, e com outros que são mais fáceis de identificar, como o som de um relógio de corda, um assobio, o som de um instrumento, os sons do morder uma maçã ou do ligar e desligar um interruptor.

Neste exercício, o elemento surpresa é importante.

Através da sequência dos sons, do contraste e das relações entre eles, os participantes, naturalmente, tendem a procurar a sua identificação.

Com os grupos do ensino básico (a partir dos seis anos) é possível convidá-los a ouvir a gravação dando-lhes a orientação para descreverem as suas sensações sem obrigatoriedade de lhes dar um sentido narrativo.

Distribuir o papel para desenho a cada participante. Tal como no *atelier* de poesia japonesa, uma folha de papel servirá para um único desenho. Orientar o desenho no sentido de não procurar uma figura, mas antes desenhar a partir das sensações de intensidade, de continuidade, de pontos, linhas, manchas... O gesto tem de ser espontâneo e rápido, reagindo aos estímulos criados pelos sons.

Se os participantes souberem ler e escrever, sugere-se juntar o exercício cedido pela artista Luisa Cunha.

Logo à saída da sala, já com a obra Linha #1 fora do alcance da vista, vocês colocariam uma resma alia de papel A4 (muitas folhas, estilo objecto) e um marcador grosso. Cada um dos participantes escreveria numa dessas folhas, rapidamente, a primeira palavra – e uma só – que lhe viesse à cabeça, logo que saía da sala, e escreveria também um nº, que é a sua idade (para seleccionar públicos). Mais nada. Ou, quando muito, poderia depois reunir-se o grupo e mostrar as palavras, para uma breve discussão.

Ainda tive mais outras ideias para exercícios, mas achei este o mais leve e proveitoso, pois com as palavras que eles forneçam, teríamos uma espécie de colecção de tags de uma determinada faixa etária.

LUISA CUNHA

Ateliers de som, poesia e desenho

Poesia japonesa haiku e haicai

Concepção: Teresa Santos

Orientação: Serviço Educativo do Museu Municipal de Tavira

Objectivos

Introdução ao conhecimento da poesia japonesa, adaptação para desenho a partir dos haikus e haicai dos poetas Bashô, Busson, Issa e Shiki.

Material fornecido

CD da leitura dos poemas, gravado em estúdio especificamente para estas aulas, que cria um ritmo pausado, de modo a sugerir uma narrativa possível de ser transposta para desenho e pintura; conjunto de duas imagens fotográficas realizadas a partir dos poemas.

Links: [instruções.mp3](#); [track02.mp3](#); [track03.mp3](#); [track04.mp3](#); [track05.mp3](#); [track06.mp3](#); [track07.mp3](#); [track08.mp3](#); [track09.mp3](#); [track10.mp3](#); [track11.mp3](#); [track12.mp3](#); [track13.mp3](#); [track14.mp3](#); [track15.mp3](#); [track16.mp3](#); [track17.mp3](#);

Material necessário

Papel de dimensões variáveis, lápis de grafite, tinta da china e pincéis chineses, leitor de CD com colunas e outros materiais ao gosto das crianças.



A poesia japonesa pouco mais é e pouco mais pretende ser do que uma exclamação, - Um! Ordinariamente inspirada na beleza do cenário, nas surpresas da paisagem, mas podendo alcançar outros assuntos, os de ordem moral.

Em todo o caso, não é nem pode ser uma descrição, é uma sugestão; não aspira ao completo acabamento de uma ideia, antes prefere limitar-se a enunciar-lhe o início, deixando o resto para ser adivinhado;(...).

WENCESLAU DE MORAIS

Sugestão e motivação da oficina

Introduzir o tema da aula, questionando quantas crianças sabem o que é a poesia e se já ouviram falar da poesia japonesa, que tem uma forma própria de ser escrita. Na sua língua original tratam-se sempre de três versos, o primeiro com cinco sílabas, o segundo com sete sílabas e o terceiro com cinco sílabas novamente.

Explicar que o haiku foi inventado há centenas de anos no Japão e é a forma poética mais reduzida do mundo. Este pequeno poema pode descrever sentimentos importantes que nós temos pelo que nos rodeia, acerca da natureza, dos animais, das cores, das estações do ano num local e período de tempo específico. Por exemplo, falar de uma cascata no fim do Inverno quando derretem as primeiras neves.

Esta poesia fala dos contrastes (definir contraste) que existem na natureza, sentimentos acerca de um assunto ou objecto, emoções que incluem felicidade, tristeza, solidão, alegria, medo, esperança, surpresa, fascínio, coragem, etc. Dar ênfase à questão de que esta poesia expressa um sentimento e que muitas vezes contém uma surpresa. Todas estas emoções podem ser transpostas para o desenho, relacionando-o com a escrita.

Ler os poemas que se seguem pedindo aos alunos que fechem os olhos, para visualmente criarem uma imagem do que estão a ouvir, incluindo-se na paisagem.

No Inverno, à chuva,
e nem sequer um chapéu -
pois é! Ora, ora!

Acendes o fogo;
vou mostrar-te esta beleza:
uma bola de neve!

Varrendo o jardim,
a neve ficou esquecida
pela vassoura.

Lua cheia, Outono
caminhei a noite inteira
ao redor do lago.

As primeiras chuvas
o macaco também quer
um manto de palha.

Acender a vela
pegando numa outra vela;
noite de Primavera.

Brilha um relâmpago!
O som das gotas caindo
por sobre os bambus.

Torna-se a raposa
num belo príncipezinho;
noite de Primavera.

No fundo do tanque
mergulhou uma sandália;
saraiva caindo.

A vaca aparece
emergindo da neblina
Muu! Muu!

Ó caracol, vai
subindo o Monte Fuji
lento, lento, vai!

Ao bater na mosca,
acabei por acertar
numa planta em flor.

As nuvens vagueiam;
uma formiga a subir
para a pedra negra.

Eis o velho tanque;
uma rá salta e mergulha
o baque na água.

A tesoura hesita
ante o alvo crisântemo
por um só momento.

Saindo da caixa,
eis estas duas bonecas:
como as pude esquecer?

Podia comê-la
aquela neve a cair
tão leve, tão leve!

De seguida, explicar que vão ouvir novamente os poemas numa gravação, lidos lentamente e pausadamente.

Para desenharem a partir das imagens sugeridas pelos haikus, será usada uma folha de papel para cada desenho, por isso cada aluno terá cerca de dez folhas.

Mostrar como se pinta com tinta da china; as crianças mais pequenas poderão usar lápis de grafite.

O gesto terá de ser rápido, de acordo com o tempo de leitura de cada poema.

Na gravação serão dadas instruções para o desenho ou a pintura com tinta da china.

Ateliers de som, poesia e desenho

Reproduções

Concepção: Teresa Santos

Orientação: Serviço Educativo do Museu Municipal de Tavira

Objectivos

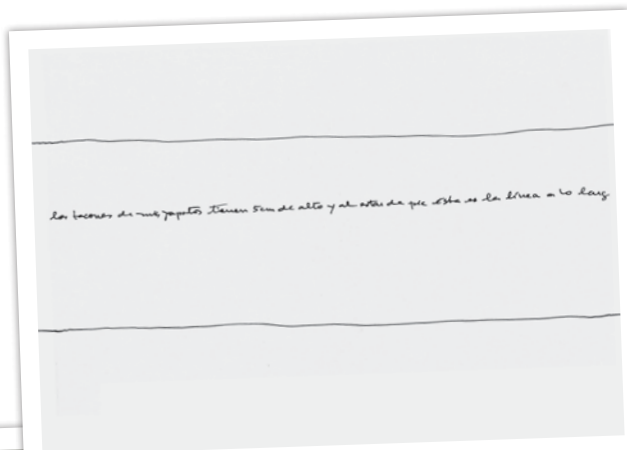
Sensibilização à obra de arte a partir da exposição *Zona Letal, Espaço Vital*, através do manuseamento e trabalho de colagem, de imagens de reproduções das obras aí expostas.

Material fornecido

Reproduções de algumas das obras expostas, em papel fotográfico 15x20cm.

Material necessário

Cartões com dimensão de 70x80cm, tesouras, colas de tubo e marcadores.



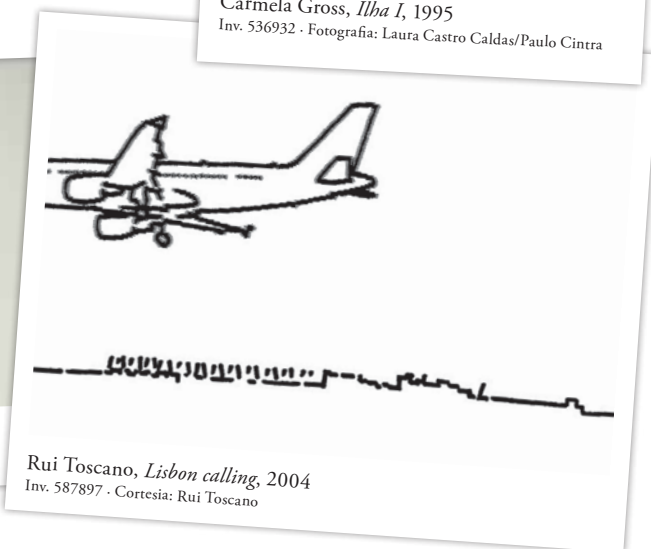
Luísa Cunha, *Linha #1*, 2002
Inv. 599380 · Fotografia: Luís Asín



Carmela Gross, *Ilha I*, 1995
Inv. 536932 · Fotografia: Laura Castro Caldas/Paulo Cintra



Rui Chafes, *Respirar-te mais próximo V*, 1989
Inv. 347258 · Fotografia: Laura Castro Caldas/Paulo Cintra



Rui Toscano, *Lisbon calling*, 2004
Inv. 587897 · Cortesia: Rui Toscano

Quando as crianças expressam preferências por cores, formas, paladares e texturas estão a fazer escolhas estéticas. Isto passa-se ainda antes de aprenderem a falar ou a andar. Aqui começa a formação da sua personalidade e a sua maneira própria de interagir com o mundo e o que o rodeia. Ao observar uma obra de arte e encorajando o diálogo à sua volta, pode ajudar a criança a desenvolver a sua capacidade de percepção visual e cognitiva, iniciando o processo de pensamento criativo e lógico.

Os símbolos visuais podem comunicar ideias. Ao articular sobre o que vêem as crianças desenvolvem o vocabulário e a percepção de mancha.

As crianças conseguem observar e interagir melhor com reproduções de arte do que com a própria obra de arte exposta num museu. Newton (1995) observou que as crianças gostavam de usar e misturar reproduções de arte, (postais, etc.) em vários jogos.

KATHERINA DANKO-MCGHEE

Excerto retirado do texto *Looking at Art With Toddlers*

Sugestão e motivação da oficina

Fazer uma visita guiada à exposição. Ao percorrê-la tentar criar uma conversa em torno de algumas obras, lançando algumas perguntas chave

- O que vêem na obra?
- O que estava o artista a pensar quando a realizou?
- Porque é que o artista terá usado estes materiais e cores?
- Como terá sido feito o trabalho?
- Quais os materiais usados na construção da obra?
- Porque terá sido usado som em algumas obras?

(Nota: não se deve insistir nas respostas; a conversa deverá ser breve, tentando respeitar o interesse demonstrado por cada grupo)

Na sala destinada às actividades educativas, devemos dispor o grupo à volta de uma mesa central onde se encontram fotografias de algumas das obras da exposição. Deve fazer-se o reconhecimento das obras pelas fotografias. De seguida os alunos, em grupo, devem tentar recriar os espaços e a proximidade entre as peças expostas, fazer recortes, pintá-las, ou o que quiserem, de maneira a criar relações entre as imagens, aproximando-os do diálogo que existe entre as peças expostas.

No final, em grupos de três ou quatro crianças, fazer-se uma grande colagem dos materiais resultantes da anterior fase de trabalho, sobre os cartões de 70x80cm.

Guardar os trabalhos para documentação.

Workshop com a artista Armanda Duarte a partir de propostas de outros artistas na exposição

13 e 22 de Outubro e 3, 12 e 17 de Novembro de 2011

Concepção: Teresa Santos · Orientação: Armanda Duarte · Número máximo de participantes: 15

ARMANDA DUARTE

tornar visível

uma linha,
duas horas

consubstanciar,
figurar

receber o espaço e
o momento

Assinalar uma linha que não existe ou é invisível.
Agir sobre ela, apresentando-a.

Essa linha pode dobrar-se, inflectir-se, constituir uma espécie de rede,
aparentar ser múltipla.

Poderá ser construída (e constituída) pelo olhar, pelo corpo, ou corpos,
pela memória, ou imaginação.

Poderá percorrer o interior de um corpo, cumprir a distância entre esse e outro corpo,
desenvolver-se num espaço físico arquitectónico, passar desse espaço para o exterior,
relacionar-se com obstáculos, ser resultado da manipulação de objectos e situações preexistentes.
Determinará uma reflexão, um sentido ou caminho.

A sua génese e construção pressupõem movimento e duração.
Os dois pontos – o de partida e o de chegada – permanecerão dois ou fundir-se-ão num só.

A escala é, por isso, variável (sabemos que um rio é uma linha, também uma estrada, um
cabelo, um intestino, uma veia, um sopro, uma prega no papel...)

No fim da sessão, enrola-se,
dobra-se,
guarda-se ou apaga-se.

Utensílios

Lápis,
Cabeça, mãos e
Pés
Coisas do espaço e do lugar,
outras coisas do mundo

Suportes

Parede,
Cabeça, mãos e
Pés, pele
Chão,
papel, terra,
vestido...

(a partir da leitura de *as linhas da mão* de Júlio Cortázar)

FERNANDA FRAGATEIRO

Envio duas perguntas que podem gerar um trabalho. São perguntas que atravessam a minha prática e produção artística.

Uma obra de arte pode gerar vazio?
É possível criar sem acrescentar matéria ao espaço?

A resposta a estas perguntas deve implicar o recurso a operações de: subtrair, remover, apagar, restaurar, limpar, fazer desaparecer, esconder, reutilizar.

Uma superfície reflectora é ela própria presença no seu desaparecimento.

FRANCISCO TROPA**Pedras e paus**

JOSÉ PEDRO CROFT

A escultura realizada tem como matriz as medidas da folha de papel A1 (70x100 cm) para uma das faces do paralelepípedo, da folha de papel A2 (70x50 cm) para outra face e as medidas de 50x100 cm para a terceira face (tampa). Depois das faces trabalhadas e articuladas, temos as medidas da obra: 90x100x53 cm (aprox.).

Assim, proponho que numa folha A1, A2 ou A3 seja desenhada a sala da exposição, onde se encontram a minha escultura e a fotografia do Jorge Molder, e as respectivas obras. As relações entre as obras podem ser respeitadas ou alteradas (escala, distância entre elas, proporções etc.).

Com a ajuda de um X-Acto, devem ser recortadas e retiradas as obras do desenho, passando estas a ficar representadas através dum vazio na folha. Na folha do desenho ficará a sala com as linhas de horizonte, portas, janelas, soalho, tecto, iluminação, etc.

LEONOR ANTUNES

Neste exercício estão em causa as relações do nosso corpo no espaço. A gravidade e o equilíbrio fazem parte do pensamento da escultura. O espaço à tua volta é o espaço de trabalho deste exercício, por essa razão deves cuidar dele como cuidas do teu corpo.

Faz uma recolha de vinte objectos de diferentes usos, pesos, volumes, matérias. Presta atenção aos objectos que escolheste e arruma-os por volumes e pesos. Podem ser lápis, folhas de papel, coisas que sirvam para escrever, e outras que geralmente deitas fora, garrafas vazias de plástico ou de vidro, tampas de iogurte, desperdícios, rolhas de garrafa, tubos de cartão, pedaços de madeira encontrados na rua, etc.

Começa por pegar em três dos objectos e coloca-os em equilíbrio. Vai fazendo várias tentativas com todos eles, tentando complexificar cada vez mais a situação encontrada. Podes construir uma torre ou fazer uma ponte, o importante é que esta torre permaneça em equilíbrio ainda que seja por alguns segundos. Constrói o mais alto que conseguires. Faz várias tentativas e muda a ordem dos objectos, até perceberes quais os objectos que estão a mais.

Podes usar uma máquina fotográfica para documentar o processo.

LUIZA CUNHA

Logo à saída da sala, já com a obra *Linha #1* fora do alcance da vista, vocês colocariam uma resma alta de papel A4 (muitas folhas, estilo objecto) e um marcador grosso. Cada um dos participantes escreveria numa dessas folhas, rapidamente, a primeira palavra – e uma só – que lhe viesse à cabeça, logo que saía da sala, e escreveria também um número, que é a sua idade (para seleccionar públicos). Mais nada. Ou, quando muito, poderia depois reunir-se o grupo e mostrar as palavras, para uma breve discussão.

Ainda tive mais outras ideias para exercícios, mas achei este o mais leve e proveitoso, pois com as palavras que eles forneçam, teríamos uma espécie de colecção de *tags* de uma determinada faixa etária.

RICARDO JACINTO

Exercício #1

1. Procura um local para te sentares. Leva contigo uma folha de papel (A3 ou maior) e um lápis. Fixa o papel a uma mesa ou prancha.
2. Imagina que a folha é um mapa e tu estás no centro. Coloca a ponta do lápis nesse ponto.
3. Agora fecha os olhos e escuta atentamente o que te rodeia. Deixa-te estar à escuta durante um minuto.
4. Sem abrires os olhos começa a desenhar os sons que te rodeiam posicionando-os na folha relativamente ao centro (que és tu).
5. Mantendo os olhos fechados encontra formas de, para além da sua posição no espaço, representares também as suas durações, as intensidades, os timbres, as alturas, os ritmos...
(pensa que estás a procurar e a desenhar o teu horizonte acústico)

Exercício #2

1. Escolhe um(a) parceiro(a) e senta-o na tua frente.
2. Fechem os olhos e iniciem um diálogo só com ruídos produzidos pela boca.
3. Não deves usar palavras nem cantar. Inventa a tua própria “linguagem” servindo-te de todos os outros ruídos que consigas imaginar.
4. Tem atenção que à tua volta podem estar outros pares a fazer o mesmo exercício. Deixa-te também influenciar pelos sons que eles produzem.